

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

JOANA PAULA MANSO DE NORONHA, PIONEIRA NA AMÉRICA DO SUL

Joelma Varão Lima

vinculação institucional

joelmavaraolima@gmail.com

Joana Paula Manso de Noronha foi a primeira jornalista mulher na Corte Imperial, tendo sido redatora e diretora do periódico *O Jornal das Senhoras*. Essa mulher argentina teve uma trajetória inédita, foi uma pioneira na sua época. Primeiro no Brasil, como redatora d'*O Jornal das Senhoras*; depois, de volta à sua terra natal, Buenos Aires, na Argentina, Joana Paula fundou a primeira escola mista para meninos e meninas.

A trajetória de Joana Paula revela uma mulher progressista e competente, que circulou na América do Sul defendendo a emancipação da mulher através da educação. Joana Paula Manso de Noronha tinha um projeto pedagógico que visava dar oportunidade para as meninas se educarem. Criticava o uso de castigos físicos e propunha uma relação amistosa entre professor e aluno, além de defender os aspectos lúdicos da didática, facilitando a aprendizagem.

A jornalista e professora em questão acreditava que a educação feminina fazia parte de um projeto civilizatório na América do Sul e incorporava o discurso progressista do século XIX, defendendo a emancipação da mulher mediante sua ilustração, não para competir no mercado de trabalho com o homem, mas para ser uma mãe melhor. Como vemos, a bandeira da emancipação feminina do século XIX difere das bandeiras da emancipação feminina dos séculos XX e XXI. Para a jornalista, a maternidade era como uma “missão sagrada”, sendo essa uma grande inquietação das mulheres de elite no século XIX.

Pensava-se a maternidade vinculada à emancipação feminina. Segundo a jornalista, a mãe educadora devia ser ilustrada, se ela fosse ignorante seria por conta do egoísmo masculino. Egoísmo esse que deveria ser banido desde a tenra infância do

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

homem por meio da educação materna, já que a mãe é que prepararia o homem para a vida.

Nesse sentido, embora a dominação fosse masculina, ela era alvo de críticas e questionamentos. Abriam-se assim brechas para sua contestação, denotando um potencial de liberdade por parte das mulheres de elite no século XIX, efetivado, em certa medida, por intermédio da imprensa.

Joana Paula Manso de Noronha entendia a emancipação moral da mulher como o direito feminino à instrução. Esse direito vinha sendo negado devido à tirania masculina, baseada no egoísmo do homem, que via a mulher como sua propriedade, segundo os escritos de Joana Paula Manso de Noronha n' *O Jornal das Senhoras* do dia 11 de janeiro de 1852:

Mas deixemos essas digressões; o que vem a ser essa tal emancipação moral da mulher?

Eu vo-lo digo:

É o conhecimento verdadeiro da missão da mulher na sociedade; é o justo gozo dos seus direitos, que o brutal egoísmo do homem lhe rouba, e dos quais a deserdada, porque tem si força material, e porque ainda se não convenceu que um anjo lhe será mais útil que uma boneca.

E um perigo e terrível inimigo para a realização do nosso desejo, o egoísmo do homem!

De que serve ilustrar o espírito da mulher e desamparai-o sob as bases do progresso!

De que serve dizer isto tudo?

Convencidas estão elas que tem essa alma que Deus lhes doou, e que o homem lhes nega; convencidas estão no emprego útil de suas faculdades morais completa a obra do Criador. Sim a mulher conhece a injustiça com que é tratada e reconhece perfeitamente a tirania do homem, não são elas a quem temos de convencer de sua emancipação moral.

Mas enquanto a educação do homem se não reformar, enquanto ele considerar a mulher como sua propriedade, nada teremos feito.

Todas as mães devem mui seriamente desarraigá-lo esse preconceito funesto do espírito de seus filhos essa idéia de uma superioridade injusta deve desaparecer no homem, desde menino porque é fatal a ele mesmo.

Nesse sentido, as mães eram promovidas à condição de regeneradoras da sociedade, responsáveis pela formação social dos filhos, criando as condições para o progresso e a evolução da humanidade.

A utopia cristã católica inspirou o positivismo e a religião da Humanidade de Comte. Segundo José Murilo de Carvalho (1990, p. 129-130):

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Mesmo antes do episódio do encontro com Clotilde de Vaux, em 1844, responsável por sua regeneração moral, o pensamento de Comte já exibía elementos que não provinham simplesmente de fontes científicas ou positivistas, no sentido estrito do termo. A influência de Saint-Simon dos elementos utópicos do seu pensamento não deveria ser alheia a esta tendência que se manifestava, sobretudo nas visões grandiosas de Comte sobre a evolução da humanidade e, talvez já na ambição de substituir a utopia católica da Idade Média pela utopia leiga da Idade Positiva.

Assim, analisando seus textos jornalísticos, percebe-se que Joana Paula Manso de Noronha foi influenciada pelo cristianismo e pelo positivismo, advogando a causa da instrução feminina como base para o progresso social. A jornalista criticava o egoísmo masculino, já que, para Comte, enquanto a mulher representava o lado afetivo e altruísta da sociedade, o homem representava o lado ativo e egoísta, que deveria ser persuadido pela mãe de família, responsável pela formação moral das crianças. Caberia à mãe de família ser dedicada, zelosa, solidária e altruísta no cuidado com o esposo e os filhos.

Joana Paula Manso de Noronha definia o conceito de emancipação moral da mulher vinculando-o à necessidade da instrução feminina. Dessa forma, a redatora estava libertando o desejo e questionando o poder mediante o discurso jornalístico, pois a dominação masculina sobre a mulher não podia ser mascarado.

Partindo-se do princípio de que a mulher instruída era um importante pedestal para a família e toda a sociedade, e a mulher ignorante, por sua vez, era submissa à tirania masculina, defendia-se a necessidade de minar por intermédio da educação materna o mito da superioridade masculina, considerado pela jornalista como injusto. Com essas constatações ela liberava poder, esclarecendo para o público de leitoras e leitores seu ponto de vista sobre a condição feminina.

Como se pode perceber, a jornalista reivindicava a igualdade de direitos entre homens e mulheres em relação à instrução, em meados do século XIX, entendendo que a educação feminina seria a base do progresso social, inspirada nas teorias positivistas. Nesse sentido, como coloca Elaine Pereira Rocha (2002, p. 15):

Também estarão presentes outros mitos, como o mito da mãe- figura altruísta, educadora, base da grande nação – reforçado pelos positivistas e presente em inúmeros momentos do mesmo período e o mito de nação.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Segundo Etelvina Trindade (1996, p. 1),

Investida pelo positivismo na missão da regeneração da humanidade, a mulher é, pois, elevada à condição de inspiradora e musa das virtudes que conduzirão os homens ao verdadeiro sentimento de solidariedade social. Sob o influxo dos sentimentos amorosos de August Comte por Clotilde de Vaux, o positivismo atinge sua fase mística quando evolui para uma orientação de um culto em torno da imagem feminina.

Tendo em vista o papel regenerador da mulher na sociedade, Joana Paula Manso de Noronha destacava no primeiro exemplar d'*O Jornal das Senhoras* que as nações desenvolvidas marchavam para o progresso, demonstrando que a igualdade de gênero era fator de desenvolvimento social, já que nas nações mais adiantadas, como Estados Unidos e países europeus, a mulher exercia diversas profissões.

Ora pois uma senhora a testa da redação de um jornal? Que bicho de sete cabeças será?

Contudo em França, em Inglaterra, na Itália, na Hespanha, nos Estados Unidos, em Portugal, mesmo, os exemplos abundam de senhoras dedicadas à literatura collaborando em diferentes jornais.

Por ventura a América do Sul, ella só ficará estacionaria nas suas idéias, quando o mundo inteiro marcha ao progresso e tende ao aperfeiçoamento moral e material da Sociedade?

Ora não pode ser. A Sociedade do Rio de Janeiro principalmente, Corte e capital do império, Metrópole do Sul d'América, acolherá de certo com satisfação e sympathia o JORNAL DAS SENHORAS, redigido por uma senhora mesma: por uma americana que, senão possui talentos, pelo menos tem a vontade e o desejo de propagar a ilustração, e cooperar com todas as suas forças para o melhoramento social e emancipação moral da mulher. (*O Jornal das Senhoras*, 01/01/1852)

A redatora d'*O Jornal das Senhoras* viveu no século XIX, na Era Vitoriana (1837 a 1901), quando havia a separação do espaço público, associado ao trabalho masculino, em oposição ao espaço privado do lar. Espalhará-se o mito do lar doce lar (*home sweet home*). Nesse sentido, a cultura elitista europeia definiu vários binarismos – homem/mulher, pai/mãe, superior/inferior, civilizado/selvagem –, debatendo a natureza feminina em oposição à cultura masculina.

Segundo a professora Maria Izilda Santos de Matos (2002, p. 38):

A falsa universalidade dos limites entre o público e o privado fica mais se lembrarmos que estes foram mais definidos e precisos a partir da era

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

vitoriana e construídos conjuntamente com a definição das esferas sexuais e da delimitação de espaços para os sexos. O século XIX representou o lar e a família em termos naturais e a esfera pública, ao contrário, como instância histórica. A moderna separação entre público e privado é algo histórico e, portanto, não inevitável ou natural, tendo brotado de uma forma de organização social que reafirmando o privado como espaço da mulher e a representando como vítima da sua própria natureza, destaca a maternidade como necessidade e o espaço privado como locus da realização das potencialidades femininas.

Entretanto, as mulheres questionaram o status quo, na medida em que as jornalistas do periódico defendiam a instrução feminina e a necessidade de eliminar os preconceitos contra a mulher instruída, missão que caberia às mães, no ato de educar os meninos e as meninas, retirando o sentimento de falsa superioridade masculina.

Citando Maria Izilda Santos de Matos (2002, p. 39):

Assim a distinção entre o doméstico e o público é anterior a segmentação privado/público e baseia-se na separação entre a vida privada da família e do trabalho, do pessoal e do político relaciona-se diretamente com a política de construção das elites, em que a pureza sexual das mulheres tem implicações na posição e no poder dos homens.

Joana Paula Manso de Noronha defendia a emancipação da mulher por meio da educação, entendendo que ela seria o vetor civilizatório e progressista, enquanto mãe e esposa. Havia a necessidade da instrução materna para preparar as moças de família para serem melhores mães e esposas.

Segundo Maria Stella Bresciani (1991, p. 47):

Em nenhum momento, se desfaz a imagem da mulher-esposa-preocupada com sua casa e a educação dos filhos, porém essas tarefas são recobertas com os atributos da dignidade, algo que se situa entre a missão feminina e a competência (grifos meus) para lidar com os problemas da vida moderna. A imagem do lar é reelaborada de forma a se relegar para um tempo passado aquela outra imagem forte e persistente, de mero lugar destinado a reprodução da espécie, cuja única relação com o espaço público se fazia através do homem. A mulher transpõe o limiar do campo da sociabilidade ultrapassando definitivamente os espaços das cozinhas e das salas nas casas senhoriais: ganha as ruas, os templos de consumo, as escolas [...], o campo de realização profissional e [...] as fábricas, lojas, escritórios e ateliers de costura.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A mulher passou a ser considerada a “rainha do lar”, ganhando visibilidade no espaço público. Essa nova mulher passeava pelas ruas da cidade com elegância e desenvoltura. A família passava a ser uma unidade de consumo, ou seja, surgia a necessidade de adquirir bens de consumo como tecidos, joias, livros etc. A rua do Ouvidor e o Passeio Público na Corte Imperial tornaram-se espaços de circularização das famílias de elite.

Citando Etelvina M. de Castro Trindade (1996, p. 116-117):

A imagem feminina do positivismo tem um acento forte na condição materna que se torna a representação ideal da Humanidade. [...] concretizada em pinturas, estátuas e monumentos pela figura da mãe com o filho nos braços, essa interpretação atinge sua forma mais perfeita no mito da Virgem-Mãe, por sugerir uma humanidade capaz de reproduzir-se sem a interferência masculina. Incluída na concepção comitiana de uma sociedade sem Deus, a imagem materna tem os traços fisionômicos de Clotilde de Vaux e opõe-se à representação católica da Virgem Maria. [...]

As mulheres de elite adquiriram uma maior visibilidade social, já que passaram a frequentar os bailes da Corte, a tocar piano e falar francês, embora a sua missão maior fosse a maternidade, vista por Joana Paula Manso de Noronha como sagrada, exigindo paciência e sabedoria.

Segundo Elizabeth Badinter (1985 apud BICALHO, 1988, p. 129):

A educação moral do filho é a mais nobre tarefa que ela pode sonhar exercer. Fénelon, Rousseau ou Napoleão já o haviam dito, mas talvez não tivessem tido suficiente persuasão. Nos séculos XIX e XX, não se economizam adjetivos e superlativos. A educação moral é a tarefa mais elevada da mãe, sua missão providencial, sua obra prima absoluta. Faz dela criadora por excelência ao lado de quem o artista mais consumado não passa de um aprendiz. Melhor ainda governando a criança, a mãe governa o mundo. Sua influência estende-se da família á sociedade, e todos repetem que os homens são o que as mulheres fazem deles. (grifos meus)

A imagem social dos homens estava vinculada às mulheres que o cercavam, desde empregadas domésticas, passando por agregadas, chegando finalmente às donas de casa, já que a esposa era promovida ao status de “rainha do lar”, deixando de ser serva da família.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Nesse sentido, Joana Paula Manso de Noronha escreve n’*O Jornal das Senhoras* (08/02/1852):

E na família não é ela quem imprime na inteligência de seus filhos a primeira impulsão? E para dirigi-los nos anos de infância, não convém que seja instruída, que sua inteligência tenha sido formada, por uma educação extensa e que sua moralidade tenha sido fortalecida pelas luzes da razão e da fé, não dessa fé supersticiosa e ignorante, mas dessa piedade esclarecida e sincera, que nasce de uma instrução sólida e que fortifica a virtude?

Joana Paula Manso de Noronha advogava a causa da mãe instruída como fator de progresso social, baseando-se nas teorias positivistas em voga no século XIX.

Segundo Maria Fernanda Bicalho (1988, p. 129-130):

Adepta de tais ideólogos, inclusive citando-o literalmente, a imprensa feminina do Rio de Janeiro afirma que a mulher só se tornará apta a desempenhar seu importante papel social – o papel de mãe – se for convenientemente instruída. A instrução da mulher ao possibilitar que ela exerça uma influência benéfica no interior da família – educando por sua vez seus filhos – é vista por esses jornais como fator de moralização da sociedade.

A instrução materna era colocada pela jornalista como tão necessária quanto o aleitamento materno para as crianças. No seu entender, as mães deveriam ser pacientes, dedicadas, abnegadas e instruídas para realizar uma missão sagrada de acordo com os preceitos positivistas. Nesse sentido, Joana Paula M. Noronha escreve n’*O Jornal das Senhoras* (08/02/1852):

Porventura para criar seu filho, forma-lhe a alma dia por dia, derrama-lhe não o leite do corpo, pois esse não é nada mas o leite do espírito, será preciso á mulher menos inteligência do que o marido[...]? Cremos que ninguém se atreverá a dizer que sim.

Finalizando o artigo, durante o tempo em que circulou dominicalmente no Rio de Janeiro (1852 a 1855), *O Jornal das Senhoras* teve três redatoras: Joana Paula Manso de Noronha no primeiro semestre, Violante A. Bivar e Velasco no segundo semestre e Gervásia Neves nos dois anos seguintes. Joana e Violante falavam várias línguas estrangeiras e eram chefes de família. Joana era separada do marido, e Violante era

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

viúva. Dona Gervásia era casada. As três diretoras d'*O Jornal das Senhoras* defendiam a instrução materna, ora com base no positivismo, ora no cristianismo.

A partir da leitura d'*O Jornal das Senhoras*, podem-se perceber vários aspectos do movimento de mudanças e permanências que caracterizou a segunda metade do século XIX nas relações homem-mulher. Nesse período de transição, segundo depoimentos de viajantes europeus, conviviam lado a lado nas elites da Corte um modelo de mulher tradicional, ainda vinculada à família patriarcal, e a nova mulher, que se emancipava dentro do contexto da sua época.

Emancipação moral da mulher, segundo proposta de Joana Paula Manso de Noronha, consistia na reivindicação de uma nova forma de encarar a feminilidade e a maternidade. Nesse sentido, a mulher estava sendo privilegiada no espaço privado com novas potencialidades, em detrimento de sua presença no espaço público, que deveria continuar sendo ocupado pelo homem, o provedor do lar. Esses conceitos foram formulados no século XIX mediante a expansão do pensamento positivista.

REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida privada e ordem privada no Império. In: NOVAIS, Fernando; ALENCASTRO, Luiz Felipe de (Orgs.). **História da vida privada no Brasil**. Vol. 2 - Império: a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ALVES, Gislene. **Nas Sendas do Progresso: cidade, educação e mulheres** (Pindamonhangaba – 1860-1888). Dissertação (Mestrado em História Social), Pontifícia Universidade Católica - PUC-SP, São Paulo, 2003.

ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa de. **A Vocação do Prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro Republicano**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

BADINTER, Elizabeth. **Um Amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

BASSANEZI, Carla. **Virando Páginas, Revendo as Mulheres** - Revistas femininas e relações homem-mulher (1945-1964). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BERNADES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. **Mulheres de ontem?** Rio de Janeiro - século XIX. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989.

BICALHO, Maria Fernanda Baptista. **O Bello Sexo** - Imprensa e Identidade Feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), UFRJ, Rio de Janeiro, 1988.

BORGES, Valdeci Rezende. **Histórias Românticas na Corte Imperial** - O Romance Urbano de José de Alencar (Rio de Janeiro - 1840-1870). Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2008.

_____. **A dominação masculina**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRESCIANI, Maria Stella. **O anjo da casa**. n. 29. Campinas: IFCH/Unicamp, 1991.

CAPELATO, Maria Helena R. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. 20ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de Leitura**. 4ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

COSTA, Emília Viotti. **Da Monarquia à República: momentos decisivos**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary del; BASSANEZI, Carla (Coords.). **História das mulheres no Brasil**. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

ELIAS, Nobert. **O Processo civilizador**. Vol. 2 - Formação do Estado e Civilização. Apresentação de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

_____. **O Processo civilizador**. Vol. 1 - Uma História dos Costumes. Apresentação de Renato Janine Ribeiro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FERREIRA, Tânia Tavares Bessone da Cruz. Os livros na imprensa, as resenhas e a divulgação do conhecimento no Brasil na segunda metade do século XIX. In: CARVALHO, José Murilo (Org.). **Nação e Cidadania no Império: novos horizontes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **Vigiar e Punir**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

_____. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 18ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

GÓMEZ, Zandra Pedraza. Corpo, pessoa e ordem social. **Projeto História**. São Paulo, v. 25, dez. 2002.

GOUDINHO, Liliane do Socorro Cavalcante. **Mulheres em Ação (católica): Belém (1939/1947)**. Dissertação (Mestrado em História Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

GRAHAM, Sandra Lauderdale. **Proteção e Obediência** - criadas e seus patrões no Rio de Janeiro (1860-1910). São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

HAHNER, June E. **A Mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

HOBBSAWM, Eric J. **A Era do Capital – 1848-1875**. Tradução de Luciano Costa Neto. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

JANOTTI, Maria de Lourdes. O Livro Fontes Históricas como fonte. In: BASSANEZI, Carla. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

LEITE, Miriam Moreira (Org.). **A Condição Feminina no Rio de Janeiro, século XIX**: Antologia de Textos de viajantes estrangeiros. Estudos Históricos 4. São Paulo: Hucitec/ Editora da Universidade de São Paulo; Brasília: INL, Fundação Pró-Memória, 1984.

LIMA, Joelma Varão. **O Jornal das Senhoras, um projeto pedagógico**: Mulher, Educação, Maternidade e Corpo (Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX). Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

LOURO, Guacira Lopez. **Gênero, Sexualidade e Educação - Uma perspectiva estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary del; BASSANEZI, Carla (Coords.). **História das mulheres no Brasil**. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

LUCA, Tânia Regina de. Fontes impressas - História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PRIORE, Mary del; BASSANEZI, Carla (Coords.). **História das mulheres no Brasil**. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: NOVAIS, Fernando A.; SEVCENKO, Nicolau (Orgs.). **História da vida privada no Brasil**. Vol. 3 - República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____; ROMERO, Marisa. A sublime virtude de ser mãe. **Projeto História**. São Paulo, v. 25, 2002.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

MARQUES, Tereza Cristina de N. Elas também desejam participar da Vida Pública: várias formas de participação política feminina entre 1850 e 1932. In: PISCITELLI, Adriana (et al.) (Orgs.). **Olhares feministas**. Brasília: MEC/UNESCO, 2009.

MARTIM-BARBIERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações**: Comunicação, Cultura e Hegemonia. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Por uma história da mulher**. Bauru: EDUSC, 2000.

_____. **Cotidiano e Cultura**: História, Cidade e Trabalho. Bauru: EDUSC, 2002.

_____. Corpos numa Paulicéia desvairada: mulheres, homens e médicos - São Paulo, 1890-1930. **Projeto História**. São Paulo, v. 25, dez. 2002.

_____; ALVES, Gisele. As Mulheres: educação e progresso – São Paulo (1850-1900). **Revista Mackenzie**. São Paulo, Ano 3/4, 2003/2004.

_____. **Âncora de Emoções** - Corpos, Subjetividades e Sensibilidades. Bauru: EDUSC, 2005.

MAUAD, Ana Maria. Imagem e auto-imagem do Segundo Reinado. In: NOVAIS, Fernando; ALENCASTRO, Luiz Felipe de (Orgs.). **História da vida privada no Brasil**. Vol. 2 - Império: a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. A Vida das Crianças de Elite durante o Império. In: PRIORE, Mary del (Org.). **História das Crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

MAURO, Frédéric. **O Brasil no tempo de Dom Pedro II**: 1831-1889. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

MELLO, Soraya Carolina de. **Feminismo de Segunda Onda no Cone Sul problematizando o trabalho doméstico (1790-1989)**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, 2010.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

MORAES, Mirtes. **Tramas de um destino** – Maternidade e Aleitamento. São Paulo (1899-1939). Tese (Doutorado em História Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

NAZZARI, Muriel. **O desaparecimento do Dote** - Mulheres, famílias e mudança social em São Paulo, Brasil (1600-1900). São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: PRIORE, Mary del; BASSANEZI, Carla (Coords.). **História das mulheres no Brasil**. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

O JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro, 1852-1855 (vários números). Acervo da Seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional - Rio de Janeiro (2008). Disponíveis para consulta na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

QUEIROZ, Vera. **Crítica literária e estratégias de gênero**. Niterói: EDUFF (Editora da Universidade Federal Fluminense), 1997.

RAGO, Elizabeth Juliska. **Outras falas: feminismo e medicina na Bahia (1836-1931)**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2007.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao Lar: A utopia da cidade disciplinar**. Brasil (1890-1930). 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. **Os Prazeres da Noite: Prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

_____. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, Mary del; BASSANEZI, Carla (Coords.). **História das mulheres no Brasil**. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. **A Cidade e a Moda**. Brasília: Editora UNB, 2002.

RIBEIRO JR., João. **O que é positivismo**. 3ª ed. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1984.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

RIOS FILHO, Adolfo Morales de los. **O Rio de Janeiro Imperial**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

ROCHA, Elaine Pereira. **Entre a Pena e a Espada** - a trajetória de Leolinda Daltro: 1859-1935 – Patriotismo, Indigenismo e Feminismo. Tese (Doutorado em História Social), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

SAMARA, Eni de Mesquita. Women's roles and work alternatives in XIX century Brazil. **XVI International Congress of the Latin American Studies Association**. Washington, 1991.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Cultura e Sociedade no Rio de Janeiro: 1808-1821**. *Brasiliense*, v. 363. 2ª ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1978.

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil Urbano. In: PRIORE, Mary del; BASSANEZI, Carla (Coords.). **História das mulheres no Brasil**. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

SOUZA, Silvia Cristina Martins de. Ao Correr da Pena: uma leitura dos folhetins de José de Alencar. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Eds.). **A História Contada: capítulos de História Social da Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary del; BASSANEZI, Carla (Coords.). **História das mulheres no Brasil**. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

TRIGO, Maria Helena Bueno. **Os paulistas de quatrocentos anos: ser e parecer**. São Paulo: Annablume, 2001.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. **Clotildes ou Marias: Mulheres de Curitiba na Primeira República**. Coleção Farol do Saber. Curitiba: Fundação Cultural da Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

VENÂNCIO, Renato Pinto. Maternidade negada. In: PRIORE, Mary del; BASSANEZI, Carla (Coords.). **História das mulheres no Brasil**. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

SOBRE A AUTORA

Joelma Varão Lima é formada em História pela PUC/SP, onde fez também o mestrado e o doutorado. No mestrado defendeu a dissertação “A mulher na obra de Jorge Amado”, sob a orientação da Professora Yvone Dias Avelino. No doutorado defendeu a tese “*O Jornal das Senhoras*, um projeto pedagógico: mulher, educação, maternidade e corpo (Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX)”, sob a coordenação da Professora Maria Izilda Santos de Matos.

Joelma Varão Lima foi aceita e participou do seminário temático da ANPUH 2021 – ST-074 - História e Gênero: Cultura, Memória e Identidades, sob a coordenação dos professores Paulo Eduardo Teixeira (UNESP) e Maria Aparecida Prazeres Sanches (UEFS), com o artigo “Joana Paula Manso de Noronha, pioneira na América do Sul”.